

Antroponímia de Nubentes a partir dos Registos Paroquiais de Casamentos da Ilha da Madeira: Paróquias de Santa Cruz, Caniço, Sé e Ribeira Brava (Séculos XVI a XX)

Anthroponymy of Marriers from the Parish Marriage Records of Madeira Island: Parishes of Santa Cruz, Caniço, Sé, and Ribeira Brava (16th to 20th Centuries)

*Carolina Chaves*¹

Resumo

O presente artigo reproduz, no essencial, parte do projeto de investigação desenvolvido no Centro de Estudos de História do Atlântico – Alberto Vieira (CEHA-AV), da atual Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro (DRABL), no âmbito do Estágio de Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas, cujo relatório foi apresentado e defendido na Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira, a 19 de janeiro de 2024, e obteve a classificação final de 19 valores. Partiu-se de um quadro teórico e metodológico no âmbito da Lexicologia, onde se enquadra a Onomástica, uma vez que a entidade de acolhimento do estágio (na pessoa de Filipe dos Santos, supervisor), assim como a Universidade da Madeira (na pessoa de Naídea Nunes Nunes, orientadora), estavam interessadas na análise e descrição de dados dos registos paroquiais de casamentos, começando pelos de Santa Cruz, tendo estes registos sido previamente inventariados, compilados e indexados pelo Arquivo e Biblioteca da Madeira (ABM), com atualização e normalização da escrita para efeitos de pesquisa *online*. A metodologia utilizada foi o estudo de nomes masculinos e femininos por

¹ Mestre em Linguística: Sociedades e Culturas pela Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira e licenciada em Línguas e Relações Empresariais (2021) pela mesma universidade. Durante o mestrado, efetuou um estágio curricular no Centro de Estudos de História do Atlântico – Alberto Vieira, onde desenvolveu um projeto de investigação sobre a antroponímia de nubentes presente nos registos paroquiais de casamentos de quatro paróquias da Ilha da Madeira. Ainda nesse estágio, assim como nos ao abrigo dos *Programa Estágios de Verão* e *Programa Ingress@*, desenvolveu tarefas de tradução para a mesma entidade. Endereço eletrónico: carolinabrchaves@hotmail.com.

séculos, observando a evolução de nomes individuais, assim como a composição dos nomes de famílias. A disponibilidade de dados de outras paróquias – entre elas, Caniço, Sé e Ribeira Brava, que, juntamente com Santa Cruz, partilham a circunstância de apresentarem registos de casamentos recuados, desde 1539 – permitiu também a elaboração de uma comparação entre espaços, com discussão de semelhanças e diferenças.

Palavras-chave: Lexicologia e Onomástica; Antroponímia; Registos Paroquiais de Casamentos; Ilha da Madeira; Séculos XVI a XX.

Abstract

This paper essentially reproduces part of the research project within the scope of the master's degree in Linguistics: Societies and Cultures, which was developed at the Centre for Atlantic History Studies – Alberto Vieira (CEHA-AV), of the current Regional Department for Archives, Libraries and Books (DRABL), and whose report was presented and defended on the Faculty of Arts and Humanities of the University of Madeira on 19th January 2024 (final grade 19 out of 20). As a starting point, a theoretical and methodological framework was followed within the scope of Lexicology, where Onomastics, as both the host entity (in the person of Filipe dos Santos, traineeship supervisor) and the University of Madeira (in the person of Naidea Nunes Nunes, scientific supervisor) were interested in the analysis and description of data from the parish marriage records (starting with those of Santa Cruz) previously inventoried, compiled and indexed by the Madeira Archives and Library (ABM), and which had benefited from a spelling update and standardisation for online research purposes. The methodology used was the study of masculine and feminine names by centuries, observing their evolution as individual names as well as the composition of family names. The availability of data from other parishes (including Caniço, Sé, and Ribeira Brava, which, along with Santa Cruz, share the circumstance of possessing marriage records going back to 1539) also made it possible to draw up a comparison between different spaces, discussing similarities and differences.

Keywords: Lexicology and Onomastics; Anthroponymy; Parish Marriage Records; Madeira Island; 16th to 20th Centuries.

Introdução

O presente artigo reproduz, no essencial, parte do projeto de investigação desenvolvido no Centro de Estudos de História do Atlântico – Alberto Vieira (CEHA-AV), da atual Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro (DRABL), no âmbito do Estágio de Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas,

cujo relatório² foi apresentado e defendido na Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira, a 19 de janeiro de 2024, e obteve a classificação final de 19 valores.

No âmbito da Lexicologia, onde se enquadra a Onomástica, ou seja, o estudo dos nomes próprios, será efetuado o estudo de dados compulsados a partir dos registos de casamentos das paróquias de Santa Cruz, Caniço, Sé e Ribeira Brava, na ilha da Madeira, tendo estes registos sido previamente inventariados, compilados e indexados pelo Arquivo e Biblioteca da Madeira (ABM), com atualização e normalização da escrita para efeitos de pesquisa *online*. Este trabalho insere-se, assim, no âmbito da descrição e análise de materiais da área da Antroponímia, abordada nos conteúdos programáticos da unidade curricular Variação Geográfica e Sociocultural do Léxico Português, do referido mestrado.

O estudo tem como principal objetivo analisar os antropónimos históricos da população do Arquipélago da Madeira, olhando para os nomes masculinos, femininos e de famílias atestados nos registos paroquiais de casamentos desde o século XVI até o início do XX. Desta forma, os objetivos específicos desta atividade de investigação são: contextualizar e delimitar o estudo dos dados documentais provenientes dos registos paroquiais de casamentos; estudar os nomes masculinos e femininos por séculos, observando a sua evolução, nomeadamente o surgimento de novos nomes e o desuso de nomes mais antigos; comparar dados por séculos, dentro de e entre paróquias, analisando possíveis semelhanças e diferenças; conhecer os nomes de famílias predominantes por paróquias e por séculos, observando possíveis alterações dentro da Madeira; propor uma terminologia adequada à denominação dos diferentes elementos linguísticos que compõem a cadeia antroponímica; discutir, se possível, a convergência e/ou divergência dos resultados obtidos com outros estudos existentes.

Deste modo, e procurando direcionar o tema de acordo com os objetivos traçados, este estudo envereda por uma exploração exaustiva e sistemática da Antroponímia presente nos registos paroquiais de casamentos na Madeira, entre os séculos XVI e início do XX, sendo também abordado o campo da Antroponomástica, que servirá de enquadramento teórico para a análise que se segue, nomeadamente, o estudo dos padrões e tendências antroponímicas presentes nas pessoas que se

² CHAVES, 2024, *Anthroponymy of marriers from parishes of Madeira (16th to 20th century), Portuguese to English translation of four photographic catalogues on the history of clothing in the island, support to the organization of a scientific meeting, linguistic revision and editing of DRABM's scientific journal AHM, Nova Série*, Relatório de Estágio de Mestrado, Universidade da Madeira.

casaram na Madeira (nas quatro freguesias referenciadas), entre os séculos XVI e início do XX. Finalmente, o artigo conclui com um resumo dos resultados, discutindo o seu significado no contexto mais alargado dos estudos antroponomásticos, e sugerindo potenciais caminhos para uma investigação futura. Ao estruturar este contributo desta forma, espera-se lançar luz sobre os meandros das práticas de nomeação pessoal e a sua evolução histórica neste contexto geográfico e temporal único, e que este estudo contribua com conhecimentos valiosos para os domínios da Antroponomástica, da Linguística Histórica e dos Estudos Culturais.

Segundo Norberta Amorim³, apesar de tendencialmente se referirem apenas os registos de batizados, casamentos e óbitos concebidos pelos párocos (e outros sacerdotes) em livros próprios, após a realização das cerimónias religiosas associadas aos atos em causa, a verdade é que são também *registos paroquiais* «os róis de confessados, os livros de disposições testamentárias, de capelas e sepulturas, de alfaia religiosas, além dos livros de usos e costumes, listas de confirmados e outros». Os dados nominais disponibilizados pelo ABM a partir dos assentos paroquiais de batismos, de óbitos e de casamentos têm grande interesse histórico, social e cultural – como comprova Nuno Daupias d'Alcochete⁴, ao escrever que «[os pormenores incluídos nestes assentos] nos retratam a vida de uma paróquia e nos fornecem elementos demográficos, sociais e, por vezes, económicos», assim como «permite[m]-nos compreender a estrutura das sociedades que passaram» –, mas também linguístico, pois a Antroponímia, ou estudo dos nomes das pessoas, faz parte da área científica da Linguística.

Neste caso específico, trata-se da análise dos nomes completos masculinos e femininos presentes nos registos de casamentos das paróquias de Santa Cruz, Ribeira Brava, Sé e Caniço, na Ilha da Madeira, desde o seu início em 1539 até ao seu fim em 1911, na sequência da Implantação da I República Portuguesa em outubro do ano anterior. Mais concretamente, os registos paroquiais de casamentos de Santa Cruz e da Ribeira Brava terminam a 31 de março de 1911, enquanto os da Sé e os do Caniço terminam a 1911 e a 1910, respetivamente, nem o mês nem o dia sendo especificados. Aproveite-se, no entanto, para transmitir que, segundo Fátima Barros e Regina Nóbrega⁵, na linha, décadas antes, de Nuno Daupias d'Alcochete⁶, «os livros

³ AMORIM, 2001, «Registos Paroquiais», p. 99.

⁴ ALCOCHETE, s.d., «Registo Paroquial», p. 260.

⁵ BARROS e NÓBREGA, 2004, *Arquivo Histórico da Madeira, Série Índices dos Registos Paroquiais 15 – Índices dos Registos de Casamentos dos Concelhos Rurais (1894-1911)*, p. 11.

⁶ ALCOCHETE, s.d., «Registo Paroquial», p. 259.

do registo paroquial foram encerrados a 1 de abril de 1911, dia da entrada em vigor da lei de 18 de fevereiro do mesmo ano», que instituiu o registo civil obrigatório e «veio retirar aos assentos paroquiais lavrados a partir daquela data os efeitos civis que até ali tinham tido».

Os livros que contêm os registos de casamentos da paróquia de Santa Cruz podem ser consultados através da hiperligação <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=23974> e são os seguintes:

- Lv.º 833 (Lv.º 1, Misto, fls. 2-25) – 13.04.1539 a 20.10.1551;
- Lv.º 834 A (Lv.º 2, Misto, fls. 4-25) – 14.04.1597 a 09.10.1606;
- Lv.º 835 (Lv.º 3, Misto, fls. 1-100) – 21.01.1607 a 15.01.1646;
- Lv.º 836 (Lv.º 4, Misto, fls. 1-60) – 16.04.1646 a 09.08.1665;
- Lv.º 856 (Lv.º 5) – 24.08.1665 a [...]. [11]. ou [12].1696;
- Lv.º 857 (Lv.º 6) – 16.10.1702 a 21.11.1724;
- Lv.º 858 (Lv.º 7) – 04.08.1726 a 18.09.1741;
- Lv.º 859 (Lv.º 9) – 12.01.1772 a 28.08.1799;
- Lv.º 860 (Lv.º 10) – 04.11.1799 a 29.09.1813;
- Lv.º 861 (Lv.º 12) – 23.06.1845 a 06.02.1860;
- Lv.º 2520 a 2553 – 1860 a 1893⁷;
- Lv.º 8972 A a 8988 A – 1894 a 1910⁸.

A hiperligação que conduz aos livros que contêm os registos de casamentos da paróquia do Caniço é <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=5969>, sendo esses enumerados de seguida:

- Lv.º 915 (Lv.º 1 ou Livro Velho, fls. 1-60) – 26.01.1539 a 20.06.1575;
- Lv.º 915 A (Lv.º 2, fls. 1-124) – 04.11.1573 a 14.09.1648;
- Lv.º 902 (Lv.º 3, Misto, fls. 221 e seg.) – 09.11.1648 a 04.08.1687;
- Lv.º 916 (Lv.º 4) – 24.08.1687 a 11.08.1734;
- Lv.º 917 (Lv.º 5) – 28.10.1734 a 30.01.1805;
- Lv.º 918 (Lv.º 6) – 25.02.1805 a 12.12.1835;
- Lv.º 1216 (Lv.º 7) – 18.01.1836 a 16.02.1860;
- Lv.º 2313 a 2349 – 1860 a 1893⁹;

⁷ BARROS e NÓBREGA, 2000, *Arquivo Histórico da Madeira, Série Índices dos Registos Paroquiais 2 – Índices dos Registos de Casamentos do Concelho de Santa Cruz (1539-1893)*, p. 209.

⁸ BARROS e NÓBREGA, 2004, *Arquivo Histórico da Madeira, Série Índices dos Registos Paroquiais 15 – Índices dos Registos de Casamentos dos Concelhos Rurais (1894-1911)*, p. 659.

⁹ BARROS e NÓBREGA, 2000, *Arquivo Histórico da Madeira, Série Índices dos Registos Paroquiais 2 – Índices dos Registos de Casamentos do Concelho de Santa Cruz (1539-1893)*, p. 51.

- Lv.º 8864 A a 8880 A – 1894 a 1910;
- APEF, Lv.º 269 – 1911¹⁰.

Os livros que contêm os registos de casamentos da paróquia da Sé são os seguintes (sendo possível ser consultados através da hiperligação <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=410>):

- Lv.º 46 (Lv.º 1) – 05.01.1539 a 23.06.1550;
- Lv.º 47 (Lv.º 2) – 12.07.1550 a 02.02.1555;
- Lv.º 48 (Lv.º 3) – 03.02.1555 a 14.04.1559;
- Lv.º 49 (Lv.º 4) – 22.04.1559 a 06.05.1565;
- Lv.º 50 (Lv.º 5) – 07.05.1565 a 15.07.1571;
- Lv.º 51 (Lv.º 6) – 15.07.1571 a 24.04.1584;
- Lv.º 52 (Lv.º 7) – 14.05.1584 a 06.02.1601;
- Lv.º 53 (Lv.º 8) – 11.02.1601 a 10.08.1614;
- Lv.º 54 (Lv.º 9) – 04.09.1614 a 14.03.1673;
- Lv.º 55 (Lv.º 10) – 25.01.1673 a 28.12.1698;
- Lv.º 56 (Lv.º 11) – 18.01.1699 a 29.10.1732;
- Lv.º 57 (Lv.º 12) – 01.11.1732 a 30.12.1748 (contém registos anteriores a 1732, mas lançados a partir desta data);
- Lv.º 58 (Lv.º 13) – 07.01.1749 a 20.12.1757 (contém registos anteriores a 1749, mas lançados a partir desta data);
- Lv.º 59 (Lv.º 14) – 07.01.1758 a 18.07.1764;
- Lv.º 60 (Lv.º 15) – 05.08.1764 a 22.10.1773;
- Lv.º 61 (Lv.º 16) – 03.11.1773 a 04.05.1791;
- Lv.º 62 (Lv.º 17) – 11.05.1791 a 05.11.1807;
- Lv.º 63 (Lv.º 18) – 15.11.1807 a 02.10.1822 (contém dois registos anteriores a 1807 lançados em 1810);
- Lv.º 64 (Lv.º 19) – 19.10.1822 a 07.07.1838 (contém um registo de 1796 lançado em 1836);
- Lv.º 65 (Lv.º 20) – 20.07.1838 a 24.11.1852 (contém um registo de 1835 lançado em 1841);
- Lv.º 1260 (Lv.º 21) – 27.11.1852 a 26.11.1859;
- Lv.º 1296 a 1329 – 1860 a 1893;
- Lv.º 6434 A a 6451 A – 1894 a 1911;
- Ribeira Brava – Lv.º 389 (Lv.º 1) – 12.01.1539 a 07.02.1623;

¹⁰ BARROS e NÓBREGA, 2004, *Arquivo Histórico da Madeira, Série Índices dos Registos Paroquiais 15 – Índices dos Registos de Casamentos dos Concelhos Rurais (1894-1911)*, p. 617.

- Lv.º 390 (Lv.º 2) – 25.07.1623 a 05.02.1698;
- Lv.º 391 (Lv.º 3) – 06.02.1698 a 20.09.1733;
- Lv.º 392 (Lv.º 4) – 09.10.1733 a 30.08.1767;
- Lv.º 393 (Lv.º 5) – 31.08.1767 a 02.02.1799;
- Lv.º 394 (Lv.º 6) – 10.04.1799 a 18.01.1829;
- Lv.º 395 (Lv.º 7) – 28.01.1829 a 28.04.1842;
- Lv.º 3642 a 3675 – 1860 a 1893¹¹.

Os livros que contêm os registos de casamentos da paróquia da Ribeira Brava podem ser acedidos pela hiperligação <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=3394> e são os seguintes:

- Lv.º 389 (Lv.º 1) – 12.01.1539 a 07.02.1623;
- Lv.º 390 (Lv.º 2) – 25.07.1623 a 05.02.1698;
- Lv.º 391 (Lv.º 3) – 06.02.1698 a 20.09.1733;
- Lv.º 392 (Lv.º 4) – 09.10.1733 a 30.08.1767;
- Lv.º 393 (Lv.º 5) – 31.08.1767 a 02.02.1799;
- Lv.º 394 (Lv.º 6) – 10.04.1799 a 18.01.1829;
- Lv.º 395 (Lv.º 7) – 28.01.1829 a 28.04.1842;
- Lv.º 3642 a 3675 – 1860 a 1893¹²;
- Lv.º 7136 A a 7152 A – 1894 a 1910¹³.

Os dados, o seu estudo e a sua relevância tornam-se ainda mais significativos por os nomes de homens e de mulheres surgirem aos pares, por casamento, ao longo dos séculos.

Enquadramento Teórico e Conceptual

A Antroponomástica, ramo da Onomástica que estuda a Antroponímia, apresenta grande diversidade terminológica, não existindo, segundo Naidea Nunes e Dieter Kremer¹⁴, «uma terminologia universal para designar as diferentes unidades antroponímicas que formam a cadeia onomástica completa». No entanto,

¹¹ MELO, BARROS e NÓBREGA, 2002, *Arquivo Histórico da Madeira*, Série Índices dos Registos Paroquiais 9 – *Índices dos Registos de Casamentos do Concelho do Funchal Freguesia da Sé (1539-1911)*, pp. 13-14.

¹² BARROS e NÓBREGA, 2000, *Arquivo Histórico da Madeira*, Série Índices dos Registos Paroquiais 5 – *Índices dos Registos de Casamentos da Ribeira Brava (1539-1893)*, p. 83.

¹³ BARROS e NÓBREGA, 2004, *Arquivo Histórico da Madeira*, Série Índices dos Registos Paroquiais 15 – *Índices dos Registos de Casamentos dos Concelhos Rurais (1894-1911)*, p. 105.

¹⁴ NUNES e KREMER, 1999, *Antroponímia primitiva da Madeira e Repertório onomástico histórico da Madeira (séculos XV e XVI)*, p. 4.

em Portugal, a obra *Antroponimia Portuguesa* (1928) de Leite de Vasconcelos é vista como sendo de referência neste ramo, tendo a terminologia aí consagrada sido seguida em estudos posteriores, como no de Joseph-Maria Piel¹⁵, no de José Pedro Machado¹⁶, entre outros, e adotada ainda no presente artigo.

Leite de Vasconcelos¹⁷ emprega os termos:

- *Prenome* ou *primeiro nome* para designar os títulos honoríficos ou eclesiásticos que antecedem o nome próprio;
- *Nome próprio* para designar o nome individual de batismo;
- *Sobrenome* para designar as unidades antroponímicas que seguem imediatamente o nome próprio (podendo ser um patronímico, um nome próprio ou um nome religioso);
- *Apelido* para designar o nome de família, unidade antroponímica que segue o sobrenome e que, segundo o autor, correspondia, inicialmente, a formas patronímicas, a alcunhas e a nomes geográficos.

Segundo Iria Gonçalves¹⁸, os antropónimos medievais eram constituídos, fundamentalmente, por um nome próprio que se podia ou não unir a um sobrenome, o qual era maioritariamente formado por um patronímico, um indicativo de proveniência ou uma alcunha que podiam, eventualmente, tornar-se nomes de família. A mesma autora refere ainda que, com o passar do tempo, a prática de um nome completo ter apenas dois elementos (excluindo os títulos honoríficos ou eclesiásticos) se tornou insuficiente para uma correta identificação, pois havia muitos casos de homonímia.

Daí que, no presente estudo e a título de exemplo, os nomes completos do século XVI (a partir de 1539), com exceção dos da paróquia da Sé, podem ser considerados como os mais simples: a cadeia antroponímica dos nomes masculinos e femininos nas paróquias de Santa Cruz, Caniço e Ribeira Brava neste século é constituída, pela maior parte, apenas por um nome próprio e por um apelido. Adicionalmente, e ainda segundo a documentação relativa ao século XVI, por um lado – e com exceção de um caso feminino na Ribeira Brava (*Velha*) –, a atribuição de alcunha é um fenómeno exclusivamente masculino; por outro lado, só as mulheres tinham um prenome, que era o título honorífico *Dona* (D.).

¹⁵ PIEL, 1989, *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*.

¹⁶ MACHADO, 1993, *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*.

¹⁷ VASCONCELOS, 1928, *Antroponimia Portuguesa*.

¹⁸ GONÇALVES, 1971, «Amostra de antroponímia alentejana do século XV», pp. 173-212.

Metodologia de Recolha

Como afirma Robert Rowland¹⁹, os dados recolhidos em registos paroquiais, neste caso, registos de casamentos, constituem um importante *corpus* de estudo linguístico no que concerne à Antroponímia, por reunir nomes masculinos e femininos datados e localizados. Nesta situação em específico, confirma-se que estamos, efetivamente, perante um *corpus* histórico de registos paroquiais de casamentos na Madeira que comporta grande interesse linguístico e sociocultural a nível local e regional, interesse esse que transpõe as fronteiras insulares e se torna também nacional e mesmo internacional, na qualidade de património onomástico partilhado.

A informação a analisar, proveniente dos registos paroquiais de casamentos, foi previamente compilada por Fátima Barros (leitura paleográfica e revisão dos números 1, 2, 5 e 15 da Série Índices dos Registos Paroquiais do boletim *Arquivo Histórico da Madeira*, e leitura paleográfica dos anos 1860-1911, conferência e revisão do número 9 da mesma Série), Regina Nóbrega (composição) e Luís de Sousa Melo (leitura paleográfica dos anos 1539-1859 do número 9 da Série); os antropónimos recolhidos foram atualizados e normalizados para efeitos de pesquisa *online* em *Arquivo Regional da Madeira – Registos de Casamentos* (<https://abm.madeira.gov.pt/pesquisa/casamento>).

Como se pode constatar nas Notas Técnicas dos livros de Fátima Barros e Regina Nóbrega²⁰ e de Luís de Sousa Melo em conjunto com as autoras referidas anteriormente²¹, o método de trabalho utilizado pela equipa de profissionais arquivistas no levantamento dos antropónimos presentes nos registos paroquiais de casamentos foi: em primeiro lugar, uma leitura dos registos e composição simultânea em base de dados *Microsoft Access*, seguida de uma segunda leitura dos registos e primeira revisão diretamente na base de dados; posteriormente, a relação dos campos paróquia/ano/n.º de livro foi conferida diretamente na base de dados e os livros duplicados das freguesias rurais (1860 a 1893) foram visualizados, a fim de se registar a existência de notas à margem do livro, designadamente averbamentos:

¹⁹ *istórico da Madeira (séculos XV e XVI)*.

ROWLAND, 2008, «Práticas de nomeação em Portugal durante a Época Moderna: ensaio de aproximação», pp. 17-43.

²⁰ BARROS e NÓBREGA 2000, *Arquivo Histórico da Madeira, Série Índices dos Registos Paroquiais 1 – Índices dos Registos de Casamentos do Concelho de Machico (1577-1893)*, p. 13.

²¹ MELO, BARROS e NÓBREGA, 2002, *Arquivo Histórico da Madeira, Série Índices dos Registos Paroquiais 9 – Índices dos Registos de Casamentos do Concelho do Funchal Freguesia da Sé (1539-1911)*, p. 11.

por fim, as notas referentes a cada livro, as quais antecedem os índices, foram compostas e revistas, assim como os índices e gralhas na base de dados foram corrigidos.

Apesar de existir disparidade numérica entre séculos no que toca à informação antroponímica – tendo o século XIX o maior número de registos e o século XVI (a partir de 1539) o menor –, o confronto dos nomes individuais e dos nomes de famílias atribuídos ao longo do tempo da História da Madeira e da História da Língua Portuguesa permitirá observar a evolução do património antroponímico local, nomeadamente, os novos nomes que vão surgindo ao longo dos séculos e os que caem em desuso, no caso dos nomes individuais, e os que vão aparecendo e desaparecendo, em relação aos nomes de família.

Para auxiliar a realização da análise da informação compulsada a partir dos assentos de casamentos, foi utilizada a aplicação informática *Microsoft Excel*. Após a criação de um ficheiro para cada paróquia, procedeu-se à distribuição dos registos paroquiais de casamentos presentes na base de dados original, *Arquivo Regional da Madeira – Registos de Casamentos* (<https://abm.madeira.gov.pt/pesquisa/casamento>), usando uma folha para cada século, e, dentro de uma mesma folha, uma tabela para cada um dos sexos masculino e feminino, sendo efetuada a separação por colunas de cada constituinte do nome completo, isto é, uma coluna para o prenome, outra para o nome próprio, uma outra para o sobrenome, uma quarta para o apelido e, por último, uma para a alcunha. Por conseguinte, e no mesmo documento, recorreu-se à função de *Inserir → Tabela Dinâmica* em folhas separadas, uma vez mais, por séculos, de modo a poder visualizar a frequência e a hierarquia dos nomes individuais e de famílias sem ser preciso introduzir as respetivas funções manualmente.

Antroponímia de Nubentes da Madeira (do Século XVI ao Início do XX)

Esta secção mostra a sistematização, por séculos – mais precisamente do século XVI (a partir do ano 1539) ao início do século XX (até 1910-1911) –, dos nomes que surgem nos registos de casamentos das paróquias de Santa Cruz, Caniço, Sé e Ribeira Brava, sendo que, relativamente a cada paróquia, são referidos os nomes próprios masculinos mais frequentes em cada século, seguidos dos femininos

e dos sobrenomes e apelidos. Por fim, dos nomes religiosos²², será fornecida uma contagem de ocorrências.

Ainda no plano metodológico, deve ser referido que as listas de nomes analisados foram obtidas a partir de *Arquivo Regional da Madeira – Registos de Casamentos* (<https://abm.madeira.gov.pt/pesquisa/casamento>) ao escolher a paróquia desejada na caixa de seleção intitulada *Local* e ordenando os resultados obtidos por ordem crescente de data. Posteriormente, foram esclarecidas dúvidas relativas a indivíduos específicos através de *Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Pesquisa Avançada* (<https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/search>) e/ou consultando os livros de onde provém a base de dados.

Relativamente aos registos de casamentos da paróquia de Santa Cruz, arriscar-se-á afirmar que poderão ter sido conservados em comparativamente melhor estado, uma vez que nenhum dos 8876 nomes próprios e nenhum dos 10 480 sobrenomes e apelidos registados estava ilegível, isto é, nenhum dos nomes exibia, na base de dados, a sinalética «[...]», que, segundo a Nota Técnica de Fátima Barros e Regina Nóbrega²³, significava que a «leitura [foi] prejudicada por o papel se apresentar roto, manchado ou as letras apagadas». No entanto, dois nomes completos e um apelido pertencentes a três mulheres do século XVII desta mesma paróquia foram colocados entre parênteses retos e, ainda de acordo com a referida Nota Técnica²⁴, «leitura deduzida» – pelo que estes nomes foram contabilizados seguindo essa mesma leitura.

No que toca aos registos de casamentos da paróquia do Caniço, 12 dos 7402 nomes próprios (seis masculinos e seis femininos) e 12 dos 8620 sobrenomes e apelidos registados (cinco pertencentes a homens e sete a mulheres) estão ilegíveis ou parcialmente ilegíveis, uma vez que contêm um «[...]» na sua representação

²² Os nomes religiosos são nomes que têm uma forte associação com figuras religiosas, santos ou personagens bíblicas. Mais especificamente, segundo CHAVES, 1956, «Influências religiosas na formação da Antroponímia e da Toponímia em Portugal», p. 183, estes podem ser divididos em «Nomes de ordem teológica [...]; Nomes de natureza bíblica (*Antigo Testamento*) [...]; Nomes evangélicos (*Novo Testamento*) e cristológicos [...]; [além de] Nomes da primitiva Igreja [...] [e] Nomes hagiográficos». Para verificar tal conexão nos nomes estudados, foram consultados: SILVA, 2012, *Os nossos santos e beatos: e outros, que Portugal adotou*; A Santa Sé, s.d., *Papi*; Atlas Digital da América Lusa, s.d., *Martiriolégio Lusitano*; *Behind the Name: The Etymology and History of First Names*, s.d.; Catholic Online, s.d., *Popular Saints*; e Difusora Bíblica, s.d., *Bíblia Sagrada*.

²³ BARROS e NÓBREGA, 2000, *Arquivo Histórico da Madeira, Série Índices dos Registos Paroquiais 1 – Índices dos Registos de Casamentos do Concelho de Machico (1577-1893)*, p. 13.

²⁴ BARROS e NÓBREGA, 2000, *Arquivo Histórico da Madeira, Série Índices dos Registos Paroquiais 1 – Índices dos Registos de Casamentos do Concelho de Machico (1577-1893)*, p. 13.

na base de dados. Apenas um nome próprio feminino no século XVII (*Ana*) se encontrava entre parênteses retos.

Nos registos de casamentos da paróquia da Sé, 136 dos 26 546 nomes próprios (136 femininos) e 134 (pertencentes a mulheres) dos 34 860 sobrenomes e apelidos registados estão representados com «[...]» na base de dados, significando que estão ilegíveis, embora 36 desses nomes próprios e 34 desses sobrenomes e apelidos possuam uma leitura deduzida, isto é, encontram-se entre parênteses retos. A somar a esses, oito nomes próprios (dois masculinos e seis femininos), 25 apelidos (14 masculinos e 11 femininos) e a informação de que dois homens e uma mulher eram escravos foram inferidos aquando da leitura por parte dos profissionais arquivistas. Particularmente, estes factos influenciam, pela negativa, os dados nominais femininos referentes à paróquia da Sé: só no século XVII, registaram-se 100 casos de ilegitimidade em 2766 nomes próprios femininos nesta paróquia, o que corresponde a 3,6%.

Finalmente, quanto aos registos de casamentos da paróquia da Ribeira Brava, dois dos 9636 nomes próprios (um masculino e um feminino) e seis dos 11 873 sobrenomes e apelidos (dois pertencentes a homens e quatro a mulheres) registados encontram-se presentes, na base de dados, com «[...]». Para estes registos, não foram apresentadas leituras conjecturais pelos profissionais arquivistas.

É de salientar que a paróquia da Sé teve cinco registos de casamentos comprovadamente duplicados, assinalados pela equipa de arquivistas, aquando da inserção na base de dados *online*. A paróquia do Caniço teve um registo de casamentos duplicado, por parte do pároco, devido à necessidade de retificar o primeiro registo efetuado, por este se encontrar junto dos registos de batismos, em vez de junto dos registos de casamentos – o que não é de estranhar, uma vez que o livro em questão, 915 A, vai de finais do século XVI a meados do século XVII, mais concretamente, de 4 de novembro de 1573 a 14 de setembro de 1648; com efeito, como bem comenta Nuno Daupias d'Alcochete²⁵: «[e]ntre 1550 e 1650, este registo [paroquial] incipiente, rudimentar em virtude das disposições das primeiras constituições dos bispados, apresenta-se sob uma forma muito elementar. Os livros, mistos nesta primeira fase, têm um aspeto pouco uniforme, diremos mesmo de uma irregularidade desconcertante». Os duplicados foram, deste modo, excluídos da análise.

²⁵ ALCOCHETE, s.d., «Registo Paroquial», p. 260.

Adicionalmente, todos os nomes foram atualizados de acordo com a última reforma ortográfica da língua portuguesa europeia, como consta nas Notas Técnicas dos livros de Fátima Barros e Regina Nóbrega²⁶. Vertemos aqui alguns exemplos de nomes próprios: *Pelonia/Pelónia/Apelonia* = *Apolónia*; *Iphygenia* = *Efigénia*; *Anrrique* = *Henrique*; e nomes de famílias como *Betancor* = *Bettencourt*; *Corrêa* = *Correia*; *Doromundo* = *Drumond* – e assim por diante. Adicionalmente, para uma maior facilidade na pesquisa, foi utilizado o género masculino nos apelidos de mulheres, na paróquia da Sé²⁷, que se encontravam registados na sua forma feminina (como era uso difundido, principalmente nos séculos XVI e XVII); por exemplo, *Pinta* = *Pinto*; *Ribeira* = *Ribeiro*; *Neta* = *Neto*. Também os nomes *Anrullo*, *Brísida*, *Filiginio*, *Gracia*, *Victor*, *Victória*, *Victorino*, *Victoriano* e *Victorina* foram fixados como *Arrullo*, *Brízida*, *Filigénio*, *Grácia*, *Vítor*, *Vitória*, *Vitorino*, *Vitoriano* e *Vitorina*. No que diz respeito aos sobrenomes e apelidos originariamente de outras línguas que não o português, como *Brad Bury*, *Eybright*, *Maguier*, entre outros, optou-se por manter a grafia usada pelos arquivistas especialistas.

Ao longo da realização deste estudo antroponímico, similarmente foram efetuadas algumas escolhas quanto à destrição e formação dos nomes completos de homens e mulheres. Por exemplo, nomes próprios como *Luzia* e *Lúcia*, apesar de serem variantes do mesmo nome, foram contabilizados separadamente, enquanto *Simão* e *Simeão* foram analisados em conjunto. Isso deveu-se a tanto *Luzia* como *Lúcia* se encontrarem registados um considerável número de vezes, a ponto de serem considerados nomes próprios por si só, enquanto *Simão* havia em quantidade muito mais elevada que *Simeão*. Outro exemplo são os apelidos *Ciebar* e *Ciebra*, que foram contados como *Siebra*.

Uma outra situação que ocorreu: por vezes, os nomes das mulheres não foram mencionados nos registos de casamentos das paróquias da Sé e da Ribeira Brava, constando na base de dados com a anotação «Não refere»; houve duas situações na paróquia da Sé em que o nome do pai ou o nome do senhor da escravizada foi indicado no seu lugar, o que não ajuda à análise.

De seguida, apresentam-se os nomes próprios masculinos e femininos, e ainda os sobrenomes e apelidos com maior incidência em cada século, organiza-

²⁶ BARROS e NÓBREGA, 2000, *Arquivo Histórico da Madeira*, Série Índices dos Registos Paroquiais 2 – Índices dos Registos de Casamentos do Concelho de Santa Cruz (1539-1893), pp. 53 e 211; BARROS e NÓBREGA, 2000, *Arquivo Histórico da Madeira*, Série Índices dos Registos Paroquiais 5 – Índices dos Registos de Casamentos do Concelho da Ribeira Brava (1539-1893), p. 85.

²⁷ MELO, BARROS e NÓBREGA, 2002, *Arquivo Histórico da Madeira*, Série Índices dos Registos Paroquiais 9 – Índices dos Registos de Casamentos do Concelho do Funchal Freguesia da Sé (1539-1911), p. 10.

dos por paróquia, bem como a contagem dos nomes religiosos na secção seguinte. Esta sistematização permitirá, no futuro, comparar estes dados com os de outras paróquias.

Paróquia de Santa Cruz

Tabela 1: Os dez nomes próprios masculinos mais referidos nos registos de casamentos da paróquia de Santa Cruz, por século (do século XVI – 1539 – ao início do século XX – 1911)

Nome próprio	Século					Total de ocorrências
	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
Manuel	7	183	291	512	123	1116
António	28	122	179	376	66	771
João	22	94	75	308	93	592
José	–	6	90	287	59	442
Francisco	18	71	75	113	22	299
Domingos	1	38	46	50	6	141
Pedro	10	30	24	33	4	101
Sebastião	7	21	16	4	–	48
Joaquim	–	–	3	39	4	46
Simão/Simeão	2	24	15	2	–	43

Com base nos dados da tabela, apesar de ser apenas o sexto nome próprio masculino mais popular, juntamente com *Sebastião*, no século XVI (desde 1539), *Manuel* é o mais referido nos registos de casamentos do século XVII ao início do século XX (até 31 de março de 1911), sendo mais frequente no século XVIII, com 291 ocorrências do total de 985 (29,5%), e no século XX, ao constar 123 vezes entre 447 (27,5%). De um modo geral, *Manuel* regista 1116 evidências em 4438 (25,1%) nomes próprios masculinos, nos cinco séculos, nesta paróquia.

No século XVI, o nome próprio masculino mais frequente é *António*, com 28 ocorrências de 161 (17,4%), mas é no século XIX que é mais prevacente, ao possuir 376 evidências do total de 2004 (18,8%), seguido de perto pelo século XVIII, onde sucede 179 vezes em 985 (18,2%). No seu conjunto, *António* tem 771 registos em 4438 (17,4%).

Com popularidade variável, *João* e *Francisco* estão consistentemente entre os cinco nomes próprios masculinos mais comuns ao longo dos séculos: por um lado, *João* regista mais ocorrências nos séculos XIX e início do XX – 308 em 2004 (15,4%) e 93 do total de 447 (20,8%), respetivamente – enquanto *Francisco*, por outro lado, é mais popular no século XVI ao constar 18 vezes no conjunto de 161 (11,2%) e apresenta, no século XVII, 71 evidências do total de 841 (8,4%). De maneira geral,

João aparece 592 vezes e *Francisco* 299, ambos num conjunto de 4438 (13,3% e 6,7%, respetivamente).

Apesar de ausente ou pouco presente – com meras seis ocorrências do total de 841 (0,7%) – nos dois primeiros séculos do estudo, *José* rapidamente ganhou popularidade no século XVIII, alcançando a terceira posição na escala de uso nesse século ao aparecer 90 vezes em 985 (9,1%), tendo a sua relevância se mantido nos séculos XIX e início do XX ao registar 287 ocorrências no conjunto de 2004 (14,3%) e 59 em 447 (13,2%), respetivamente. No total, o nome próprio masculino *José* foi registado 442 vezes em 4438 (10,0%).

No cômputo global, *Domingos*, *Pedro*, *Sebastião*, *Joaquim* e *Simão/Simeão* não foram escolhas prediletas, acumulando 141 (3,2%), 101 (2,3%), 48 (1,1%), 46 e 43 (ambos 1,0%) ocorrências entre 4438, respetivamente; porém contribuem para a riqueza antroponímica da paróquia no tocante à variedade.

Tabela 2: Os dez nomes próprios femininos mais referidos nos registos de casamentos da paróquia de Santa Cruz, por século (do século XVI – 1539 – ao início do século XX – 1911)

Nome próprio	Século					Total de ocorrências
	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
Maria	32	297	370	807	193	1699
Antónia	3	30	111	174	10	328
Isabel	16	128	55	12	7	218
Joana	7	9	47	136	18	217
Ana	3	40	64	71	4	182
Rosa	–	–	6	143	30	179
Catarina	23	92	32	8	1	156
Joaquina	–	–	–	97	16	113
Domingas	1	17	48	18	2	86
Francisca	7	20	28	25	5	85

Observando os dados relativos aos nomes próprios femininos, torna-se evidente que *Maria* não só aparece consistentemente como o mais escolhido desde o século XVI (desde 1539) até o início do século XX (31 de março de 1911), como a sua popularidade também aumenta de forma constante ao longo do mesmo período. No século XVI, *Maria* soma 32 ocorrências num total de 161 (19,9%). No século XVII, já havia sido registado 297 vezes em 841 (35,3%), continuando a dominar no século XVIII ao surgir em 370 registos num conjunto de 985 (37,6%). No entanto, foi no século XIX que o nome próprio feminino *Maria* verificou um aumento substancial de uso ao constar 807 vezes num conjunto de 2004 (40,3%), o que solidificou a sua posição como o nome mais prevalecente, ao longo dos cinco séculos, nesta paróquia, tendo-se a tendência mantido no início do século XX, ao ter

193 referências em 447 (43,2%). No total, *Maria* detém 1699 evidências entre 4438 (38,3%).

Apesar de estar somente entre os nove primeiros nomes próprios femininos no século XVI, ao constar em 3 registos entre 161 (1,9%), *Antónia* aumentou gradualmente de popularidade, em especial no século XVIII, ao ascender para 111 ocorrências num conjunto de 985 (11,3%), continuando a ser um nome próprio comum no século XIX, com 174 registos num total de 2004 (8,7%), porém diminuindo a sua popularidade no início do século XX, ao aparecer apenas 10 vezes num universo de 447 (2,2%). No cômputo geral, *Antónia* foi um nome registado 328 vezes em 4438 (7,4%).

Resumidamente, a partir da análise dos dados da tabela, é possível observar-se como a escolha dos nomes pode variar significativamente ao longo dos séculos. *Antónia*, embora não estivesse entre os principais nomes próprios femininos no século XVI, foi ganhando maior aceitação, atingindo um pico no século XVIII, antes de diminuir no início do século XX; *Isabel* desfrutou de uma popularidade precoce, nomeadamente nos séculos XVI e XVII (9,9% e 15,2%, respetivamente), mas registou um declínio depois disso; *Joana* mostrou uma presença relativamente consistente ao longo do tempo, apenas com um declínio pronunciado no século XVII; Tanto *Ana* como *Domingas* registaram um aumento de uso durante o século XVII, atingindo o seu pico no século XVIII antes de diminuir em períodos posteriores; Ambos os nomes próprios femininos *Rosa* e *Joaquina* estiveram ausentes ou praticamente ausentes do século XVI até o século XVIII, tendo uma ascendência de notar no século XIX e início do século XX; *Catarina* e *Francisca* seguiram trajetórias divergentes: enquanto *Catarina* foi proeminente nos séculos XVI e XVII, mas foi-se desvanecendo gradualmente nos séculos seguintes, *Francisca* foi oscilando em termos de aceitação.

Tabela 3: Sobrenomes e apelidos mais referidos nos registos de casamentos da paróquia de Santa Cruz, por século (do século XVI – 1539 – ao início do século XX – 1911)

Século XVI			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
Gonçalves	37 3 como sobrenome 34 como apelido	Fernandes	30
Dias	12 2 como sobrenome 10 como apelido	Gonçalves	16
Fernandes	12		
Pires	12		

Álvares	11	Álvares	14
		Rodrigues	14
Anes/Eanes	8	Dias	10 1 como sobrenome 9 como apelido
Afonso	6	Luís	6
Martins	6		
Rodrigues	6 1 como sobrenome 5 como apelido		
Século XVII			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
Fernandes	89 9 como sobrenome 80 como apelido	Fernandes	77 5 como sobrenome 72 como apelido
Vieira	77	de Freitas	46
Rodrigues	75 30 como sobrenome 45 como apelido	Vieira	44 4 como sobrenome 40 como apelido
Gonçalves	53 13 como sobrenome 40 como apelido	Rodrigues	38 5 como sobrenome 33 como apelido
de Freitas	40	Gonçalves	35
		Teixeira	35
Século XVIII			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
Vieira	138 28 como sobrenome 110 como apelido	(d)e Freitas	242 12 como sobrenome 230 como apelido
de Freitas	113 14 como sobrenome 99 como apelido	de Gouveia	114 8 como sobrenome 98 como apelido
Rodrigues	86 17 como sobrenome 69 como apelido	de Mendonça	50 5 como sobrenome 45 como apelido
Fernandes	67 14 como sobrenome 53 como apelido	Maria	48 26 como sobrenome 22 como apelido
(de) Gouveia	66 9 como sobrenome 57 como apelido	Jerónima	42 4 como sobrenome 38 como apelido
(de) Sousa	66 18 como sobrenome 48 como apelido		

Século XIX			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
Vieira	262 81 como sobrenome 181 como apelido	de Freitas	376 5 como sobrenome 371 como apelido
(d)e Freitas	253 29 como sobrenome 224 como apelido	de Gouveia	216 1 como sobrenome 215 como apelido
Rodrigues	150 14 como sobrenome 136 como apelido	de Jesus	180 14 como sobrenome 166 como apelido
Fernandes	135 32 como sobrenome 103 como apelido	Rosa	134 16 como sobrenome 118 como apelido
de Gouveia	128 4 como sobrenome 124 como apelido	Maria	84 12 como sobrenome 72 como apelido
Início do Século XX			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
(d)e Freitas	69	(d)e Freitas	62 1 como sobrenome 61 como apelido
Vieira	43 22 como sobrenome 21 como apelido	(de) Jesus	53 9 como sobrenome 44 como apelido
Alves	42 4 como sobrenome 38 como apelido	(de) Gouveia	49 2 como sobrenome 47 como apelido
Rodrigues	40 15 como sobrenome 25 como apelido	de Sousa	24 6 como sobrenome 18 como apelido
Fernandes	33 11 como sobrenome 22 como apelido	Nunes	23 1 como sobrenome 22 como apelido

Nos séculos XVI e XVII, os sobrenomes e apelidos com mais uso são antigos patronímicos que tinham por base o nome próprio do pai e aos quais se acrescentava o sufixo -ez (por exemplo, *Fernando* > *Fernandez*, *Álvaro* > *Álvarez*, etc.), sendo o sufixo escrito com -s atualmente. Os patronímicos eram também formados pela simples adição do nome próprio do pai ao nome próprio do filho. Assim, por exemplo, *João Afonso* era filho de *Afonso*, o que explica a ocorrência de nomes próprios como sobrenomes e apelidos ainda hoje. A esses juntaram-se, em maior quantidade a partir do século XVIII, os nomes geográficos (de micro

e macro topónimos, indicando a origem ou a propriedade de terra – como *de Freitas, Teixeira, de Gouveia*), os nomes estrangeiros (informando sobre possíveis nacionalidades, como a italiana, a francesa, a britânica e a irlandesa, para citar algumas) e as alcunhas (com motivações sociais diversas).

Paróquia do Caniço

Tabela 4: Os dez nomes próprios masculinos mais referidos nos registos de casamentos da paróquia do Caniço, por século (do século XVI – 1539 – ao início do século XX – 1910)

Nome próprio	Século					Total de ocorrências
	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
Manuel	15	125	295	366	81	882
António	15	55	173	301	31	575
José	1	5	103	327	73	509
João	20	28	87	198	72	405
Francisco	19	55	63	148	23	308
Domingos	7	16	26	28	2	79
Pedro	9	28	29	7	4	77
Joaquim	–	–	–	33	9	42
Simão/Simeão	5	7	20	9	1	37
Miguel	3	4	13	11	5	36

Com base nos dados referentes à paróquia do Caniço, *Manuel* surge como o favorito, mostrando uma presença consistente desde o século XVII até ao início do século XX (até 1910). Embora inicialmente tenha tido uma assinalável comparência no século XVI (desde 1539), com 15 ocorrências em 217 (6,9%), a sua verdadeira proeminência é observada no século XVIII, onde se torna o nome mais prevalecente com 295 referências num total de 1013 (29,1%). Esta popularidade continua no século XIX, onde *Manuel* mantém uma presença considerável ao contar com 366 evidências num universo de 1661 (22,0%) e, no início do século XX, 81 escolhas em 350 (23,1%). No total, *Manuel* acumula 882 existências num total de 3701 (23,8%), solidificando o seu apelo duradouro ao longo dos cinco séculos.

António também exibe uma aceitação sustentada, particularmente nos séculos XVIII e XIX: começa por ser referido 15 vezes em 217 registos (6,9%, assim como Manuel), no século XVI, e mantém uma presença constante com 173 registos em 1013 (17,1%), no século XVIII, e 301 referências entre 1661 (18,1%), no século XIX. Embora a adesão ao nome diminua no início do século XX, ao demonstrar 31 ocorrências em 350 (8,9%), *António* ainda consegue juntar 575 menções num total de 3701 (15,5%), o que indica uma importância perdurável.

Principiando com uma única ocorrência do universo de 217 (0,5%) no século XVI, *José* aumenta gradualmente para 103 evidências em 1013 (10,2%) no século XVIII, e depois para 327 em 1661 (19,7%) no século XIX. A tendência mantém-se no início do século XX, ao constar 73 vezes no total de 350 (20,9%). No seu conjunto, *José* acumula 509 registos em 3701 (13,8%).

Resumidamente, *João* e *Francisco* seguiram trajetórias distintas: enquanto *João* foi escolhido menos vezes no século XVII (28 vezes num conjunto de 460, isto é, 6,1%) comparativamente ao século XVI (20 vezes num universo de 217, isto é, 9,2%), para posteriormente subir gradualmente até atingir o seu apogeu, em termos de aceitação, no início do século XX (72 ocorrências entre 350 registos, isto é, 20,6%), a presença do nome próprio *Francisco* oscilou ao longo dos cinco séculos. Globalmente, *João* congrega 405 existências e *Francisco* 308 inscrições, ambos num total de 3701 (10,9% e 8,3%, respetivamente), o que poderá dizer-se que indica um nível de popularidade estável, porém não avassalador.

No cômputo global e à semelhança dos dados referentes à paróquia de Santa Cruz, os nomes próprios masculinos *Domingos*, *Pedro*, *Joaquim* e *Simão/Simeão*, assim como *Miguel*, não foram escolhas com aceitação acentuada, acumulando 79, 77 (ambos 2,1%), 42 (1,1%), 37 e 36 (ambos 1,0%) ocorrências entre 3701, respetivamente; porém contribuem para a riqueza antroponímica da paróquia do Caniço no tocante à variedade. O que é, no entanto, digno de nota é o facto do nome *Joaquim* ter atingido esse nível de aceitação estando ausente dos registos de casamentos do século XVI ao século XVIII, nesta paróquia.

Tabela 5: Os dez nomes próprios femininos mais referidos nos registos de casamentos da paróquia do Caniço, por século (do século XVI – 1539 – ao início do século XX – 1910)

Nome próprio	Século					Total de ocorrências
	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
Maria	50	190	337	611	142	1330
Antónia	7	18	121	150	13	309
Ana	15	40	59	25	1	140
Francisca	10	19	43	61	2	135
Isabel	19	43	56	9	2	129
Joana	3	9	56	45	8	121
Ludovina	–	–	–	62	24	86
Quitéria	–	–	61	24	1	86
Rosa	–	–	8	54	12	74
Júlia	–	–	–	59	14	73
Catarina	19	28	22	1	–	70

Sem surpresa, considerando os dados anteriores atinentes à paróquia de Santa Cruz, o nome próprio feminino *Maria* demonstra uma notável consistência de popularidade ao longo dos séculos. Com 50 ocorrências num total de 217 (23,0%) no século XVI, é o nome mais frequente, sendo que esta tendência prossegue no século XVII, onde a sua proeminência na escolha do nome se torna ainda mais acentuada ao constar 190 vezes entre 460 (41,3%). Tal popularidade mantém-se no século XVIII, onde continua a ser o principal nome próprio ao registar 337 menções de 1013 (33,3%), e até mesmo no século XIX; apesar da evolução nas preferências de nomeação neste último século, *Maria* mantém uma forte comparência com 611 ocorrências num total de 1661 (36,8%). Por fim, regista uma ligeira subida no início do século XX, com 142 evidências em 350 (40,6%). De uma maneira global, *Maria* acumula 1330 ocorrências num universo de 3701 (35,9%), realçando a sua voga ao longo dos cinco séculos.

Inicialmente seguindo um padrão consistente de presença, *Antónia* começa por deter de sete referências num conjunto de 217 registos (3,2%), no século XVI, e 18 entre 460 (3,9%), no século XVII. Posteriormente, verifica-se um aumento na escolha para 121 evidências num total de 1013 (11,9%), no século XVIII. Esta popularidade diminui ligeiramente no século XIX, para 150 ocorrências de 1661 (9,0%), diminuindo ainda mais no início do século XX, para 13 em 350 (3,7%). No total, *Antónia* reúne 309 registos num conjunto de 3701 (8,3%).

Resumidamente, *Ana*, *Francisca*, *Isabel* e *Joana* seguem tendências variáveis e, num universo de 3701, reúnem 140, 135, 129 e 121 evidências – o que equivale a 3,8%, 3,6%, 3,5% e 3,3%, respetivamente. Os nomes próprios femininos que mais se ausentaram dos registos, nesta paróquia, foram *Ludovina* e *Júlia* – ambos tendo zero evidências nos três primeiros séculos em estudo –, seguidos de *Quitéria* e *Rosa* (com zero ocorrências nos séculos XVI e XVII) e, por fim, de *Catarina*, que não é referida apenas no início do século XX).

Tabela 6: Sobrenomes e apelidos mais referidos nos registos de casamentos da paróquia do Caniço, por século (do século XVI – 1539 – ao início do século XX – 1910)

Século XVI			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
Gonçalves	39 3 como sobrenome 36 como apelido	Gonçalves	41 1 como sobrenome 40 como apelido
Fernandes	26 3 como sobrenome 23 como apelido	Fernandes	14

Pires	19 1 como sobrenome 18 como apelido	Martins	13 2 como sobrenome 11 como apelido
Martins	13 2 como sobrenome 11 como apelido	Lopes	11
Rodrigues	13 1 como sobrenome 12 como apelido	Rodrigues	11
Dias	12 2 como sobrenome 10 como apelido	Luís	10
Século XVII			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
de Freitas	40 3 como sobrenome 37 como apelido	de Freitas	42
Fernandes	37 7 como sobrenome 30 como apelido	de Nóbrega	36 1 como sobrenome 35 como apelido
Gonçalves	37 4 como sobrenome 33 como apelido		
de Cairos	26 4 como sobrenome 22 como apelido	Fernandes	25 2 como sobrenome 23 como apelido
Rodrigues	24 8 como sobrenome 16 como apelido	Gomes	19 2 como sobrenome 17 como apelido
		de Sá	19
de Nóbrega	23 1 como sobrenome 22 como apelido	Gonçalves	18
		de Sousa	18 3 como sobrenome 15 como apelido
Século XVIII			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
de Nóbrega	139 14 como sobrenome 125 como apelido	(d)e Nóbrega	254 15 como sobrenome 239 como apelido
de/e Freitas	92 13 como sobrenome 79 como apelido	(d)e Sá	116 6 como sobrenome 110 como apelido
Ferreira	56 9 como sobrenome 47 como apelido	(de/e) Freitas	93 9 como sobrenome 84 como apelido

Fernandes	55 9 como sobrenome 46 como apelido	de Jesus	105 6 como sobrenome 99 como apelido
(de) Cairos	47 15 como sobrenome 32 como apelido	(de/e) Sousa	42 8 como sobrenome 34 como apelido
Século XIX			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
(de) Nóbrega	314 110 como sobrenome 204 como apelido	de Jesus	1135 26 como sobrenome 1109 como apelido
de/e Freitas	113 27 como sobrenome 86 como apelido	Rosa	116 59 como sobrenome 57 como apelido
Rodrigues	104 28 como sobrenome 76 como apelido	(d)e Nóbrega	78 10 como sobrenome 68 como apelido
(de) Quintal	87 9 como sobrenome 78 como apelido	da Encarnação	67
de Caires	85 29 como sobrenome 56 como apelido	de Sá	54
Início do Século XX			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
(de) Nóbrega	76 35 como sobrenome 41 como apelido	de Jesus	153 33 como sobrenome 120 como apelido
(d)e Freitas	30 10 como sobrenome 20 como apelido	(d)e Nóbrega	37 4 como sobrenome 33 como apelido
(de) Quintal	22 7 como sobrenome 15 como apelido	(de) Caires	16 2 como sobrenome 14 como apelido
(de) Sousa	20 5 como sobrenome 15 como apelido	de Quintal	13
Correia	18 5 como sobrenome 13 como apelido	(d)e Freitas	12

No século XVI, os sobrenomes e apelidos com mais uso são, à semelhança dos dados relativos aos registos de casamentos da paróquia de Santa Cruz, antigos patronímicos, por exemplo, *Gonçalves*, *Fernandes*, entre outros. A diferença é que,

já no século XVII, nomes geográficos como *de Freitas* começaram a se sobressair em relação àqueles e, consequentemente, no início do século XX, o topo é constituído, pela sua maioria, por nomes geográficos.

Paróquia da Sé

Tabela 7: Os dez nomes próprios masculinos mais referidos nos registos de casamentos da paróquia da Sé, por século (do século XVI – 1539 – ao início do século XX – 1911)

Nome próprio	Século					Total de ocorrências
	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
Manuel	224	556	758	585	117	2240
António	321	344	724	445	67	1901
João	339	252	365	525	74	1555
Francisco	289	228	297	285	48	1147
José	1	36	375	392	68	872
Pedro	269	167	121	35	4	596
Domingos	110	155	84	36	3	388
Luís	42	37	41	78	9	207
Gonçalo	142	54	10	–	–	206
Gaspar	106	64	21	1	–	192

O vencedor, digamos, do título de nome próprio masculino preferido é *Manuel*, que mantém uma presença consistente ao longo dos cinco séculos. No século XVI (desde 1539), tem 224 ocorrências num total de 2983 (7,5%). No entanto, é no século XVII que *Manuel* ganha força significativa, ao alcançar 556 referências em 2766 registos (20,1%). Esta popularidade mantém-se no século XVIII, atingindo 758 evidências num conjunto de 3702 (20,5%). Embora se verifique um declínio no século XIX, para 585 ocorrências em 3292 (17,8%), *Manuel* continua a ser uma escolha generalizada, mantendo o seu apelo mesmo no início do século XX (até 1911), com 117 menções num total de 529 (22,1%). No cômputo geral, *Manuel* surge 2240 vezes num universo total de 13 273, o que corresponde a 16,9%.

António, outro nome significativo, demonstra uma presença consistente, sobretudo nos séculos XVII e XVIII. No século XVI, surge 321 vezes em 2983 (10,8%), mantendo-se esta popularidade no século XVII, com 344 ocorrências num conjunto de 2766 (12,4%). O século XVIII vê um ligeiro aumento para 724 registos em 3703 (19,6%). Nos séculos XIX e início do XX, embora se verifique um declínio, o nome próprio mantém-se popular, uma vez que conta com 445 ocorrências num total de 3292 (13,5%) no século XIX, e 67 entre 529 (12,6%), no início do século XX. No total, *António* acumula 1901 evidências, contribuindo para 14,3% de 13 273.

João mantém uma popularidade notavelmente consistente ao longo dos séculos: principiando por constar em 339 registos num universo de 2983 (11,4%), no século XVI, prossegue com 252 entre 2766 (9,1%), no século XVII. O século XVIII assiste a um padrão semelhante, apresentando 365 evidências em 3702 (9,9%) e, no século XIX, regista-se um novo aumento para 525 ocorrências num total de 3292 (15,9%), seguido de uma ligeira descida para 74 em 529 (14,0%), no início do século XX. Integralmente, *João* pressupõe 1555 registos, constituindo 11,7% do total de 13 273.

Um exemplo de flutuação em popularidade ao longo dos séculos é *Francisco*. No século XVI, aparece 289 vezes num conjunto de 2983 (9,7%), depois 228 entre 2766 (8,2%), no século XVII. No século XVIII, consta em 297 registos de um universo de 3702 (8,0%). O século XIX assinala um ligeiro ressurgimento, com 285 ocorrências em 3292 (8,7%), continuando no início do século XX, com 48 num total de 529 (9,1%). No seu conjunto, *Francisco* contribui com 8,6%, que são 1147 ocorrências, para um total de 13 273.

Os nomes próprios *José* e *Pedro* tiveram tendências opostas: enquanto *José* foi escolhido cada vez mais com o decorrer dos séculos, *Pedro* começou por ter uma aceitação considerável no século XVI, apenas para esta ir diminuindo nos séculos posteriores.

Globalmente, *Domingos*, *Luís*, *Gonçalo* e *Gaspar* foram escolhas menos usuais, juntando 388 (2,9%), 207, 206 (ambos 1,6%) e 192 (1,4%) referências entre 13 273 registos, respetivamente; porém constituem contributos pertinentes para uma maior riqueza antroponímica da paróquia da Sé no tocante à variedade.

Tabela 8: Os dez nomes próprios femininos mais referidos nos registos de casamentos da paróquia da Sé, por século (do século XVI – 1539 – ao início do século XX – 1911)

Nome próprio	Século					Total de ocorrências
	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
Maria	675	988	913	1066	209	3851
Ana	161	165	380	156	11	873
Isabel	348	245	179	66	11	849
Antónia	103	118	414	150	15	800
Catarina	330	160	73	17	–	580
Francisca	119	91	220	111	12	553
Joana	94	72	169	59	3	397
Beatriz	173	69	7	4	3	256
Josefa	–	9	141	42	–	192
Luzia	30	60	67	25	4	186

Ao longo dos cinco séculos, *Maria* surge como uma escolha notavelmente consistente, com presença significativa em cada período. Começando, desde logo, por ser um nome proeminente no século XVI (desde 1539), com 675 ocorrências num universo de 2938 (22,6%), a sua popularidade mantendo-se substancial nos séculos seguintes e atingindo um pico notável no século XVII, ao ser referido 988 vezes em 2766 (35,7%). Não obstante, o apelo duradouro do nome próprio feminino *Maria* é evidente, pois segue mantendo uma frequência notável no século XIX e princípio do XX (até 1911), com 1066 ocorrências num total de 3292 (32,4%) e 209 entre 529 (39,4%), respetivamente. Globalmente, *Maria* é um dos nomes mais consistentes e preferidos ao longo dos séculos, reunindo 3851 evidências em 13 273 (29,0%).

Embora exibindo uma presença comparativamente constante, tanto *Ana* como *Antónia* registam uma subida gradual de popularidade, seguida de um declínio também gradual: começaram por ser nomes moderadamente escolhidos no século XVI, ao constar 161 e 103 vezes em 2983 (5,4% e 3,5%, respetivamente), o seu pico aparentando ter sido no século XVIII, com 380 e 414 ocorrências num conjunto de 3702 (10,3% e 11,2%, respetivamente); a partir daí, a sua incidência foi diminuindo, atingindo o seu ponto mais baixo no início do século XX, com 11 e 15 menções em 529 (2,1% e 2,8%, respetivamente). De uma maneira geral, o nome próprio feminino *Ana* demonstra estar registado 873 vezes em 13 273 (6,6%), o que marca uma grande diferença para o nome próprio *Maria*, enquanto *Antónia* reúne 800 ocorrências em 13 273 (6,0%).

Isabel, tal como *Ana* e *Antónia*, é marcado por um declínio de escolha, desta vez ao longo dos cinco séculos. Apesar de desfrutar de uma atenção significativa no século XVI, com 348 ocorrências num total de 2983 (11,7%), a sua presença diminui gradualmente, sobretudo no século XIX e início do XX, para 66 evidências num conjunto de 3292 (2,0%) e 11 num universo de 529 (2,1%, o mesmo que *Ana*), respetivamente. No âmbito global, *Isabel* totaliza 849 registos em 13 273 (6,4%).

Nem *Catarina* nem *Josefa* apresentam ocorrências no início do século XX, *Josefa* também não aparecendo em nenhum registo no século XVI. Adicionalmente, *Catarina* apresenta uma trajetória, a nível de aceitação, semelhante à de *Beatriz*: é no século XVI onde se verifica o maior número de escolhas destes nomes (11,1% para *Catarina* e 5,8% para *Beatriz*) e, com o decorrer dos séculos, este vai diminuindo até a presença ser reduzida (0,6%, no caso de *Beatriz*) ou nula (no caso de *Catarina*, como referido anteriormente). Ainda assim, *Catarina* é, no cômputo geral, o quinto nome próprio feminino mais adotado nos registos de casamentos na paróquia da Sé, com 580 menções num universo de 13 273 (4,4%).

No século XVI, *Francisca* e *Joana* reúnem 119 e 94 ocorrências, respetivamente, num conjunto de 2983 (o que equivale a 4,0% e 3,2%), contudo, foi no século XVIII que estes nomes foram mais revelantes, ao serem referidos 220 e 169 vezes num universo de 3702 (5,9% e 4,6%, respetivamente). No conjunto, *Francisca* e *Joana* foram registados 553 e 397 vezes entre 13 273 (4,2% e 3,0%, respetivamente).

Globalmente, *Luzia* sofreu oscilações em termos de aceitação ao longo dos cinco séculos abrangidos. Ainda assim, nunca esteve ausente dos registos e é alvo de um total de 186 menções num conjunto de 13 273 (1,4%).

Tabela 9: Sobrenomes e apelidos mais referidos nos registos de casamentos da paróquia da Sé, por século (do século XVI – 1539 – ao início do século XX – 1911)

Século XVI			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
Gonçalves	544 24 como sobrenome 520 como apelido	Gonçalves	438
Fernandes	387 9 como sobrenome 378 como apelido	Fernandes	427 4 como sobrenome 423 como apelido
Rodrigues	181 19 como sobrenome 162 como apelido	Rodrigues	218 2 como sobrenome 216 como apelido
Afonso	135 2 como sobrenome 133 como apelido	Dias	139 4 como sobrenome 135 como apelido
Peres/Pires	135 2 como sobrenome 133 como apelido		
Dias	122 5 como sobrenome 117 como apelido	Lopes	106 1 como sobrenome 105 como apelido
Século XVII			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
Fernandes	285 36 como sobrenome 249 como apelido	Gonçalves	178 5 como sobrenome 173 como apelido
Gonçalves	227 30 como sobrenome 197 como apelido	Rodrigues	176 10 como sobrenome 166 como apelido
Rodrigues	224 39 como sobrenome 185 como apelido	Fernandes	172 5 como sobrenome 167 como apelido

(de) Ferreira	110 18 como sobrenome 92 como apelido	da Silva	115 11 como sobrenome 104 como apelido
Gomes	96 24 como sobrenome 72 como apelido	Ferreira	107 2 como sobrenome 105 como apelido
Século XVIII			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
(da/e) Silva	273 29 como sobrenome 244 como apelido	Maria	845 436 como sobrenome 409 como apelido
Rodrigues	235 102 como sobrenome 133 como apelido	(da) Rosa	387 77 como sobrenome 310 como apelido
Gomes	223 79 como sobrenome 144 como apelido	de Jesus	242 11 como sobrenome 231 como apelido
Fernandes	203 61 como sobrenome 142 como apelido	(da/e) Silva	163 12 como sobrenome 151 como apelido
(de/e) Freitas	196 34 como sobrenome 162 como apelido	Joaquina	140 66 como sobrenome 74 como apelido
Século XIX			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
(da/e) Silva	225 31 como sobrenome 194 como apelido	de Jesus	547 63 como sobrenome 484 como apelido
Rodrigues	206 72 como sobrenome 134 como apelido	(da) Rosa	347 108 como sobrenome 239 como apelido
Gomes	193 78 como sobrenome 115 como apelido	Augusta	244 198 como sobrenome 46 como apelido
(d)e Freitas	182 35 como sobrenome 147 como apelido	Joaquina	191 56 como sobrenome 135 como apelido
José	177 174 como sobrenome 3 como apelido	Maria	174 91 como sobrenome 83 como apelido
Início do Século XX			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
da/e Silva	43 5 como sobrenome 38 como apelido	de Jesus	128 32 como sobrenome 96 como apelido

de Freitas	36 9 como sobrenome 27 como apelido	Augusta	38 33 como sobrenome 5 como apelido
(y) Rodrigues	36 20 como sobrenome 16 como apelido		
de Sousa	29 1 como sobrenome 28 como apelido	da Silva	30 3 como sobrenome 27 como apelido
Gomes	28 18 como sobrenome 10 como apelido	da Conceição	29 16 como sobrenome 13 como apelido
Gonçalves	26 14 como sobrenome 12 como apelido	Rosa	24 17 como sobrenome 7 como apelido
		(de/e) Sousa	24 3 como sobrenome 21 como apelido

Novamente, à semelhança das paróquias anteriores, os sobrenomes e apelidos com maior presença nos séculos XVI e XVII são os antigos patronímicos *Gonçalves*, *Fernandes*, etc. Contudo, e em semelhança com o que se pode verificar nos registos de casamentos da paróquia do Caniço, no século XVII, nomes geográficos como *da Silva* já se fazem notar no topo, embora, no início do século XX, na paróquia da Sé, antropónimos antigos patronímicos ainda apresentem várias referências.

Paróquia da Ribeira Brava

Tabela 10: Os dez nomes próprios masculinos mais referidos nos registos de casamentos da paróquia da Ribeira Brava, por século (do século XVI – 1539 – ao início do século XX – 1911)

Nome próprio	Século					Total de ocorrências
	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
Manuel	27	177	346	519	128	1197
João	27	63	122	387	86	685
António	23	81	169	276	46	572
José	–	6	132	346	79	563
Francisco	22	60	140	157	37	416
Bento	8	30	26	71	9	144
Domingos	10	63	49	13	1	136
Pedro	28	47	27	13	–	115
Sebastião	15	11	13	7	–	46
Joaquim	–	–	7	24	8	39

Com base nos dados nominais, embora fosse inicialmente o segundo principal nome próprio masculino no século XVI (desde 1539), *Manuel* surge como o favorito do século XVII ao início do século XX (relembre-se, até 31 de março de 1911). Nomeadamente, torna-se mais prevalecente no século XVIII, ao ser referido 346 vezes num universo de 1207 (28,7%). Esta proeminência continua no século XIX, quando *Manuel* mantém uma presença substancial, com 519 evidências num total de 2166 (24,0%). No início do século XX, *Manuel* continua a ser um nome próprio relativamente popular, pois apresenta 128 manifestações num conjunto de 435 (29,4%), solidificando a sua atração duradoura. No cômputo geral, *Manuel* acumula 1197 ocorrências em 4818 (24,8%).

É intrigante observar como *João* foi consistentemente popular ao longo dos séculos: começando com 27 referências num universo de 284 (9,5%) e 63 entre 725 (8,7%) nos séculos XVI e XVII, respetivamente, seguem-se 122 ocorrências em 1207 (10,1%), no século XVIII. *João* atingiu o seu pico de popularidade no século XIX e início do XX, com 387 evidências num total de 2166 (17,9%) e 86 em 435 (19,8%), respetivamente. Na totalidade, *João* possui 685 ocorrências em 4818 (14,2%).

De igual modo às restantes paróquias, o nome *António* continua a ser uma escolha prevalecente nos nomes próprios masculinos da Ribeira Brava, sobretudo nos séculos XVIII e XIX, ao apresentar uma popularidade sustentada, de 572 registos em 4818 (11,9% de todos os nomes próprios masculinos nesta paróquia), ainda que com um padrão decrescente no início do século XX.

Após estar ausente dos registos do século XVI, o nome próprio *José* regista um aumento acentuado de proeminência a partir do século XVIII que, posteriormente, se torna mais gradual; no século XVIII, denota 132 ocorrências num total de 1207 (10,9%), seguidas de 346 num conjunto de 2166 (16,0%) no século XIX e 79 num universo de 435 (18,2%) no início do século XX. Esta tendência evidencia a evolução das preferências de nomes próprios ao longo do tempo, como se verifica nas restantes paróquias. Globalmente, *José* tem 557 ocorrências em 4818 (11,7%).

Francisco é um dos cinco nomes próprios masculinos proeminentes no século XVI, com 22 referências entre 284 (7,7%), porém a sua abrangência é maior no século XVIII, com 140 ocorrências em 1207 (11,6%). Em todo o período estudado, *Francisco* aparece 416 vezes, contribuindo para 8,6% de um conjunto de 4818.

No cômputo global, *Bento*, *Domingos*, *Pedro*, *Sebastião* e *Joaquim*, ao acumularem 144 (3,0%), 136 (2,8%), 115 (2,4%) 46 (1,0%) e 39 (0,8%) ocorrências entre 4818, respetivamente, demonstram que não tiveram muita adesão, todavia ajudam para que a variedade antroponímica da paróquia seja maior, logo, também mais rica. Adicionalmente, é digno de nota como *Pedro* e *Sebastião* não foram referenciados

nenhuma vez nos registos dos casamentos do início do século XX e *Joaquim* nos dos séculos XVI e XVII.

Tabela 11: Os dez nomes próprios femininos mais referidos nos registos de casamentos da paróquia da Ribeira Brava, por século (do século XVI – 1539 – ao início do século XX – 1911)

Nome próprio	Século					Total de ocorrências
	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
Maria	58	270	407	829	190	1754
Ana	19	58	150	176	7	410
Antónia	9	9	132	130	17	297
Francisca	15	13	78	100	13	219
Isabel	44	87	53	24	4	212
Luísa	–	3	5	134	44	186
Joana	5	9	27	51	5	97
Catarina	20	44	23	7	–	94
Rosa	–	–	22	57	8	87
Josefa	–	–	61	15	–	76

Com base nos dados da tabela, o nome próprio *Maria* mantém consistentemente o seu estatuto de nome próprio feminino mais popular ao longo dos cinco séculos, com forte presença em cada período. Inaugura-se com 58 ocorrências num total de 285 (20,4%), no século XVI (desde 1539), e cresce continuamente até alcançar 270 em 725 (37,2%), no século XVII. Apesar de diminuir ligeiramente a sua popularidade no século XVIII, ao ser registado 407 vezes entre 1207 (33,7%), *Maria* recupera, por assim dizer, nos séculos seguintes, sendo mencionado em 829 ocasiões num universo de 2166 (38,3%), no século XIX, e em 190 num conjunto de 435 (43,7%), no início do século XX (até 1911). No total, *Maria* acumula 1754 ocorrências entre 4818 (36,4%). Esta popularidade sustentada ao longo dos séculos demonstra o apelo duradouro do nome e a persistência da devoção mariana no contexto madeirense.

O nome *Ana* também apresenta uma popularidade considerável, situando-se entre os cinco nomes próprios femininos mais comuns ao longo dos cinco séculos (exceto no início do século XX, onde ocupa o nono lugar). No século XVI, alcança 19 ocorrências em 285 (6,7%); mantém a sua presença no século XVII, com 58 num total de 725 (8,0%) e atinge o seu auge no século XVIII, ao ser referenciado 150 vezes em 1207 registos (12,4%). Então, começa a perder presença nos séculos seguintes, ao constar em 176 dos registos de casamentos num conjunto de 2166 (8,1%), no século XIX, e em sete do total de 435 registos (1,6%), no início do século XX. Globalmente, *Ana* apresenta 410 referências num total de 4818 (8,5%).

Antónia, não tão prevalente como *Maria* ou *Ana*, mostra assim um padrão de aderência ao longo dos cinco séculos. Principiando com nove ocorrências num universo de 285 (3,2%) no século XVI, sofre um decréscimo no século XVII para nove entre 725 (1,2%). Seguidamente, aumenta para 132 num cômputo de 1207 (10,9%), no século XVIII, e mantém-se relativamente estável nos séculos XIX e início do XX, com 130 ocorrências num total de 2166 (6,0%) e 17 num de 435 (3,9%), respetivamente. Globalmente, *Antónia* representa 6,2% de 4818, o que equivale a 297 referências.

Resumidamente, a partir da análise dos dados da tabela, é possível reparar como a escolha dos nomes pode mudar significativamente com o decorrer dos séculos. Dos nomes próprios femininos apresentados, *Josefa* foi o que mais se ausentou dos registos, nesta paróquia – tendo zero evidências nos séculos XVI, XVII e início do XX –, seguido de *Rosa* (com zero ocorrências nos séculos XVI e XVII) e de *Luísa* e *Catarina* (século XVI e século XX sem referências deles, respetivamente). *Isabel* e *Catarina* apresentam trajetórias, a nível de aceitação, semelhantes: são nos séculos XVI e XVII onde se verificam os maiores números de escolhas destes nomes (15,4% e 12,0% para *Isabel* e 7,0% e 6,1% para *Catarina*, respetivamente) e, com o decorrer dos séculos, este vai diminuindo até a presença ser reduzida (0,9%, no caso de *Isabel*) ou nula (no caso de *Catarina*, como referido anteriormente). *Francisca* e *Joana* vão oscilando em termos de aceitação ao longo dos cinco séculos, culminando em 219 e 97 num conjunto de 4818, o que equivale a 4,5% e 2,0%, respetivamente.

Tabela 12: Sobrenomes e apelidos mais referidos nos registos de casamentos da paróquia da Ribeira Brava, por século (do século XVI – 1539 – ao início do século XX – 1911)

Século XVI			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
Gonçalves	60 6 como sobrenome 54 como apelido	Gonçalves	50
Fernandes	52 3 como sobrenome 49 como apelido	Fernandes	41 1 como sobrenome 40 como apelido
Afonso	15 1 como sobrenome 14 como apelido	Rodrigues	20 1 como sobrenome 19 como apelido
Pires	14	Martins	19
Rodrigues	13 1 como sobrenome 12 como apelido	Ferreira	15

Século XVII			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
Fernandes	152 38 como sobrenome 114 como apelido	de Abreu	140 13 como sobrenome 127 como apelido
de Abreu	81 15 como sobrenome 66 como apelido	Fernandes	69
Gonçalves	74 11 como sobrenome 63 como apelido	Gonçalves	50 3 como sobrenome 47 como apelido
Rodrigues	69 10 como sobrenome 59 como apelido	Rodrigues	44
Gomes	44 19 como sobrenome 25 como apelido	Martins	34 4 como sobrenome 30 como apelido
Século XVIII			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
(de) Abreu	325 63 como sobrenome 262 como apelido	Maria	388 149 como sobrenome 239 como apelido
da/e Silva	104 9 como sobrenome 95 como apelido	(da) Rosa	131 34 como sobrenome 97 como apelido
Rodrigues	101 31 como sobrenome 70 como apelido	de Abreu	130 15 como sobrenome 115 como apelido
José	64 47 como sobrenome 17 como apelido	de Jesus	96 4 como sobrenome 92 como apelido
de Sousa	55 3 como sobrenome 52 como apelido	da Corte	46 2 como sobrenome 44 como apelido
Século XIX			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
(de) Abreu	388 107 como sobrenome 281 como apelido	de Jesus	932 32 como sobrenome 900 como apelido
José	140 99 como sobrenome 41 como apelido	Maria	433 103 como sobrenome 330 como apelido

Rodrigues	136 63 como sobrenome 73 como apelido	(da) Rosa	218 60 como sobrenome 158 como apelido
Pestana	126 28 como sobrenome 98 como apelido	da Conceição	163
(de) Faria	118 5 como sobrenome 113 como apelido	Augusta	94 58 como sobrenome 36 como apelido
Início do Século XX			
Homens	Total de ocorrências	Mulheres	Total de ocorrências
de Abreu	77 37 como sobrenome 40 como apelido	de Jesus	242 11 como sobrenome 231 como apelido
de Faria	38 5 como sobrenome 33 como apelido	da Conceição	65 11 como sobrenome 54 como apelido
da Silva	29 12 como sobrenome 17 como apelido	Augusta	35 21 como sobrenome 14 como apelido
António	26 24 como sobrenome 2 como apelido	da Encarnação	16
		(de) Macedo	16
(d)e Andrade	25 2 como sobrenome 23 como apelido	(d)e Sousa	9 1 como sobrenome 8 como apelido
Fernandes	25 2 como sobrenome 23 como apelido		

Sem surpresa, tendo em conta os dados analisados nas quatro paróquias anteriores, os sobrenomes e apelidos com maior presença, no século XVI, são os antigos patronímicos *Gonçalves*, *Fernandes*, etc.; no século XVII, nomes geográficos como *de Abreu* obtiveram posições de destaque que se mantiveram até o início do século XX, juntamente com *da Silva* e *(d)e Andrade*. Contudo, antigos patronímicos como *Fernandes* também preservaram a sua relevância.

Comparação entre Paróquias

Tabela 13: Total dos nomes próprios referidos nos registos de casamentos das quatro paróquias estudadas, por século e por sexo (do século XVI – 1539 – ao início do século XX – 1911)

			Século					Total de ocorrências
			XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
Paróquia	Santa Cruz	Homens	161	841	985	2004	447	4438
		Mulheres	161	841	985	2004	447	4438
	Caniço	Homens	217	460	1013	1661	350	3701
		Mulheres	217	460	1013	1661	350	3701
	Sé	Homens	2983	2766	3702	3292	530	13 273
		Mulheres	2983	2766	3702	3292	530	13 273
	Ribeira Brava	Homens	285	725	1207	2166	435	4818
		Mulheres	285	725	1207	2166	435	4818

Nos registos de casamentos, os nomes de homens e mulheres surgem aos pares, datados e localizados. Deste modo, para se poder efetuar uma análise, esses valores teriam de ser equivalentes, isto é, para cada registo de casamento corresponderiam o nome de um homem e o nome de uma mulher. O que acontece, e como já foi referido anteriormente, é que, em alguns casos, a leitura foi prejudicada por o papel se apresentar roto, manchado ou as letras apagadas, pelo que não é possível contabilizar como o nome que estaria, de facto, ali representado, mas apenas como um valor de referência.

Tabela 14: Comparação dos nomes próprios masculinos mais referidos nos registos de casamentos das quatro paróquias estudadas (do século XVI – 1539 – ao início do século XX – 1911)

Nome próprio	Paróquia				Total de ocorrências
	Santa Cruz	Caniço	Sé	Ribeira Brava	
Manuel	1116	882	2240	1197	5435
António	771	575	1901	572	3819
João	592	405	1555	685	3237
José	442	509	872	563	2386
Francisco	299	308	1147	416	2170
Pedro	101	77	596	115	889
Domingos	141	79	388	136	744
Luís	28	31	207	33	299
Sebastião	48	35	169	46	298
Joaquim	46	42	146	39	273
Gonçalo	33	18	206	16	273
Gaspar	24	17	192	36	269
Bento	3	2	54	144	203
Miguel	36	36	101	22	195
Simão/Simeão	43	37	97	5	182

De maneira geral, *Manuel* surge como o nome próprio masculino mais prevalente em todas as paróquias estudadas, apresentando vantagem substancial em cada uma delas. Em Santa Cruz, aparece 1116 vezes, no Caniço 882, na Sé 2240 e na Ribeira Brava 1197. Isto eleva o total geral de *Manuel* para 5435 ocorrências.

António tem forte presença em todas as paróquias, estando sempre entre os três primeiros. Em Santa Cruz, é o segundo nome próprio mais frequente, com 771 ocorrências enquanto no Caniço aparece 575 vezes. A Sé regista a maior prevalência de *António*, com 1901 ocorrências, e a Ribeira Brava verifica 572. O resultado é um total de 3819 referências.

João também mantém uma presença notável, com frequências variáveis nas diferentes paróquias. É registado 592 vezes em Santa Cruz, 405 no Caniço, 1555 na Sé e 685 na Ribeira Brava. No total, *João* soma 3237 evidências.

José é outro nome próprio comum, com representação consistente em todas as paróquias. É registado 442 vezes em Santa Cruz, 509 vezes no Caniço, 872 vezes na Sé, e 563 vezes na Ribeira Brava, resultando num agregado de 2386 menções.

Francisco, embora menos frequente que os nomes próprios anteriormente referidos, continuou a ser muito empregado. Em Santa Cruz, aparece 299 vezes, no Caniço 308, na Sé 1147 e na Ribeira Brava 416, perfazendo um total de 2170 ocorrências.

Pedro, tal como *Francisco*, é um nome de uso recorrente. Registam-se 101 vezes em Santa Cruz, 77 no Caniço, 596 na Sé e 115 na Ribeira Brava, culminando num total de 889 ocorrências.

Domingos mantém-se presente em todas as paróquias, embora com frequências mais baixas. Encontra-se 141 vezes em Santa Cruz, 79 no Caniço, 388 na Sé e 136 na Ribeira Brava. No total, *Domingos* é referido 744 vezes.

Embora menos frequentes do que os nomes próprios anteriores, *Luís*, *Sebastião*, *Joaquim*, *Gonçalo*, *Gaspar*, *Bento*, *Miguel* e *Simão/Simeão* enriquecem ainda mais a diversidade antroponímica nas comunidades estudadas, durante os cinco séculos.

Tabela 15: Comparação dos nomes próprios femininos mais referidos nos registos de casamentos das quatro paróquias estudadas (do século XVI – 1539 – ao início do século XX – 1911)

Nome próprio	Paróquia				Total de ocorrências
	Santa Cruz	Caniço	Sé	Ribeira Brava	
Maria	1699	1330	3851	1754	8634
Antónia	328	309	800	297	1734
Ana	182	140	873	410	1605
Isabel	218	129	849	212	1408
Francisca	85	135	553	219	992
Catarina	156	70	580	94	900

Joana	217	121	397	97	832
Rosa	179	74	117	87	457
Luísa	19	45	168	186	418
Beatriz	68	30	256	48	402
Domingas	86	43	174	41	344
Josefa	40	26	192	76	334
Joaquina	113	49	108	38	308
Luzia	59	26	186	35	306
Quitéria	30	86	94	47	257
Ludovina	24	86	28	35	173
Júlia	8	73	73	10	164

Maria destaca-se como o nome próprio feminino dominante, com uma vantagem substancial em todas as paróquias: em Santa Cruz, aparece 1699 vezes, no Caniço 1330, na Sé 3851 e, na Ribeira Brava, 1754. Assim, o total geral de ocorrências de *Maria* é 8634. Esta firme popularidade ao longo dos séculos torna-o o nome próprio mais prevalecente e duradouro, mesmo entre os dois sexos. É também digno de nota o facto de que o padrão seguido pelo nome próprio feminino *Maria*, nos registos de casamento analisados, vai ao encontro do culto mariano que, segundo o estudo elaborado por Luísa Paolinelli e Aline Bazenga²⁸, se verifica em Portugal desde a introdução do nome em português e na literatura galego-portuguesa, no século XIII, e cujo atingiu o seu apogeu nos séculos XIX e XX. Para além disso, como refere Luís Chaves²⁹, «são as “Marias”, que se contrapõem aos “Manuéis”».

Tal como a sua variante masculina, *Antónia* mantém uma forte presença em todas as paróquias, assegurando consistentemente um lugar entre os três nomes próprios femininos mais populares. Em Santa Cruz, é o segundo nome próprio mais frequente, com 328 ocorrências, enquanto o Caniço tem 309 ocorrências. Na Sé, o nome próprio *Antónia* possui 800 evidências e, na Ribeira Brava, aparece 297 vezes. O resultado é um total de 1734 ocorrências.

Ana também tem uma presença digna de nota, com frequências variáveis nas diferentes paróquias; é registado 182 vezes em Santa Cruz, 140 no Caniço, 873 na Sé, e 410 na Ribeira Brava. No total, *Ana* acumula 1605 ocorrências.

Isabel é outro nome próprio comum, com representação consistente em todas as paróquias; consta 218 vezes nos registos dos casamentos de Santa Cruz,

²⁸ PAOLINELLI e BAZENGA, 2010-09-07, *Usos de Maria em Portugal: práticas de nomeação e construção de identidade* [conferência].

²⁹ CHAVES, 1956, «Influências religiosas na formação da Antroponímia e da Toponímia em Portugal», p. 209.

129 nos do Caniço, 849 nos da Sé e 212 nos da Ribeira Brava, resultando num agregado de 1408 ocorrências.

Embora menos frequentes do que os nomes próprios anteriormente referidos, *Francisca, Catarina, Joana, Rosa, Luísa, Beatriz, Domingas, Josefa, Joaquina, Luzia, Quitéria, Ludovina e Júlia* são nomes que contribuem para uma maior riqueza quanto à variedade antroponímica das quatro paróquias durante os períodos estudados.

Tabela 16: Total dos nomes religiosos referidos nos registos de casamentos das quatro paróquias estudadas, por século e por sexo (do século XVI – 1539 – ao início do século XX – 1911)

			Século					Total de nomes religiosos por sexo
			XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
Paróquia	Santa Cruz	Homens	35	65	66	111	49	326
		Mulheres	31	45	66	129	55	326
	Caniço	Homens	52	42	60	98	37	289
		Mulheres	33	37	56	111	55	292
	Sé	Homens	95	117	133	217	81	643
		Mulheres	79	82	124	210	91	586
	Ribeira Brava	Homens	44	52	58	134	35	323
		Mulheres	36	42	61	134	50	323
Total de nomes religiosos por século			405	482	624	1144	453	3108

Enquanto a paróquia de Santa Cruz e a paróquia da Ribeira Brava apresentam quantidades idênticas de nomes religiosos tanto para homens como para mulheres, a paróquia do Caniço demonstra uma maior aderência à antroponímia religiosa por parte das mulheres, ao mesmo tempo que a paróquia da Sé o faz por parte dos homens.

Considerações Finais

A investigação antroponímica beneficiou de uma abordagem orientada para o *corpus* documental devidamente enunciado anteriormente, permitindo uma interpretação objetiva dos dados. Tal abordagem correspondeu aos objetivos do estudo e favoreceu um olhar aprofundado sobre os nomes dos nubentes nas paróquias de Santa Cruz, Caniço, Sé e Ribeira Brava, permitindo uma melhor compreensão das práticas e tendências de nomeação na Ilha da Madeira do século XVI ao início do século XX.

Além disso, graças a ferramentas computacionais como o *Microsoft Excel*, foi possível filtrar todos os dados e extrair todas as partes relevantes dos *corpora*.

A terminologia antroponomástica de Leite de Vasconcelos³⁰ foi utilizada neste estudo para designar os diferentes elementos linguísticos que compõem a cadeia antroponímica.

Uma outra situação que ocorreu é que, por vezes, os nomes das mulheres nem sequer foram mencionados nos registos de casamentos das paróquias da Sé e da Ribeira Brava, constando na base de dados como «Não refere», e havendo duas evidências na Sé em que o nome do pai ou o nome do senhor da escravizada foi indicado no seu lugar, o que não ajuda à análise.

É de salientar que os sobrenomes e os apelidos podem ter várias origens e interpretações, e que a análise efetuada se baseia nos dados fornecidos. Alguns dos sobrenomes e apelidos podem possivelmente ter várias origens ou etimologias pouco claras. Para uma análise mais exaustiva, seria necessário um contexto histórico-linguístico adicional.

Por diversas vezes, surgiram casos de homonímia. Uma forma de se obter uma identificação mais precisa desses indivíduos para sanar eventuais dúvidas seria uma averiguação de mais informações contextuais.

Segundo Naidea Nunes³¹, de acordo com a legislação atual, «ainda hoje não é obrigatório que, na composição do nome de um indivíduo registado em Portugal, sejam atribuídos os últimos apelidos do nome da mãe e do pai como nomes de família, havendo liberdade nessa escolha», pelo que não é de estranhar a variedade de antroponímia que se pôde e poderá encontrar-se.

Ao longo dos séculos, foi possível seguir o rasto dos nomes próprios masculinos e femininos predominantes nas paróquias. Da mesma forma, os sobrenomes e apelidos locais também foram possíveis de ser rastreados. Foi efetuada uma análise comparativa dos nomes próprios masculinos e femininos mais frequentes nas paróquias, o que permitiu observar possíveis mudanças ao longo do tempo na Madeira. No entanto, a replicação deste processo para os sobrenomes e apelidos, repita-se, revelou-se inviável devido a limitações de tempo. No futuro, seria relevante comparar os resultados obtidos com registos matrimoniais de um número ainda maior de paróquias do Arquipélago da Madeira para obter uma perspetiva mais completa da realidade histórica antroponímica madeirense. Seria também interessante comparar estes dados antroponímicos com os recolhidos

³⁰ VASCONCELOS, 1928, *Antroponímia Portuguesa*.

³¹ NUNES, 2019, «A Emigração de Água de Pena e a sua Antroponímia nos Livros de Passaportes do Governo Civil do Funchal de 1955 a 1970», pp. 263-289.

e analisados por Naidea Nunes e Dieter Kremer³² para os séculos XV e XVI, relativos ao início do povoamento da ilha. Assim, a comparação da informação apurada por estes autores com os dados do presente estudo permitiria compreender a evolução dos nomes próprios de homens e mulheres, bem como dos sobrenomes e apelidos já conhecidos e de novos documentados nos diferentes séculos, assim como potenciar uma discussão envolvendo a convergência e/ou divergência dos resultados obtidos com outros estudos existentes – que era um dos objetivos traçados para este trabalho e que não foi possível alcançar devido à grande quantidade de dados disponíveis. Outros estudos que também poderiam servir para uma boa comparação são os de Naidea Nunes³³, José Teixeira³⁴ e Alberto Vieira³⁵, só para citar alguns.

Bibliografia

- ALCOCHETE, Nuno Daupias d', s.d., «Registo Paroquial», in SERRÃO, Joel (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. V, Porto, Livraria Figueirinhas, pp. 258-260.
- AMORIM, Norberta, 2001, «Registos Paroquiais», in AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 99-101, disponível em <http://hdl.handle.net/10400.14/13493>.
- BARROS, Fátima (leitura paleográfica e revisão) e NÓBREGA, Regina (composição), 2000, *Arquivo Histórico da Madeira, Série Índices dos Registos Paroquiais 1 – Índices dos Registos de Casamentos do Concelho de Machico (1577 – 1893)*, Funchal, SRTC – DRAC – ARM.
- BARROS, Fátima (leitura paleográfica e revisão) e NÓBREGA, Regina (composição), 2000, *Arquivo Histórico da Madeira, Série Índices dos Registos Paroquiais 2 – Índices dos Registos de Casamentos do Concelho de Santa Cruz (1539 – 1893)*, Funchal, SRTC – DRAC – ARM.

³² NUNES e KREMER, 1999, *Antroponímia primitiva da Madeira e Repertório onomástico histórico da Madeira (séculos XV e XVI)*.

³³ NUNES, 2019, «A Emigração de Água de Pena e a sua Antroponímia nos Livros de Passaportes do Governo Civil do Funchal de 1955 a 1970», pp. 263-289.

³⁴ TEIXEIRA, 2007, «Metonímias e metáforas no processo de referência por alcunhas do Norte de Portugal», pp. 207-239.

³⁵ VIEIRA, 1999, «Os italianos na Madeira: séculos XV-XVI», pp. 11-28.

- BARROS, Fátima (leitura paleográfica e revisão) e NÓBREGA, Regina (composição), 2000, *Arquivo Histórico da Madeira, Série Índices dos Registos Paroquiais 5 – Índices dos Registos de Casamentos do Concelho da Ribeira Brava (1539 – 1893)*, Funchal, SRTC – DRAC – ARM.
- BARROS, Fátima (leitura paleográfica e revisão) e NÓBREGA, Regina (composição), 2004, *Arquivo Histórico da Madeira, Série Índices dos Registos Paroquiais 15 – Índices dos Registos de Casamentos dos Concelhos Rurais (1894 – 1911)*, Funchal, SRTC – DRAC – ARM.
- CHAVES, Carolina Beatriz Rodrigues, 2024, *Anthroponymy of marriers from parishes of Madeira (16th to 20th century), Portuguese to English translation of four photographic catalogues on the history of clothing in the island, support to the organization of a scientific meeting, linguistic revision and editing of DRABM's scientific journal AHM, Nova Série, Relatório de Estágio de Mestrado*, Universidade da Madeira, disponível em <http://hdl.handle.net/10400.13/5595>.
- CHAVES, Luís, 1956, «Influências religiosas na formação da Antroponímia e da Toponímia em Portugal», in *O Arqueólogo Português*, 2.^a Série, n.º 3, pp. 177-209, disponível em <https://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/?p=12071>.
- GONÇALVES, Iria, 1971, «Amostra de antroponímia alentejana do século XV», in *Do Tempo e da História*, 4, pp. 173-212, disponível em <http://hdl.handle.net/10451/38131>.
- MACHADO, José Pedro, 1993, *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, 3 vols., Lisboa, Livros Horizonte/Confluência.
- MELO, Luís de Sousa (leitura paleográfica dos anos 1539 – 1859), BARROS, Fátima (leitura paleográfica dos anos 1860 – 1911, conferência e revisão) e NÓBREGA, Regina (composição), 2002, *Arquivo Histórico da Madeira, Série Índices dos Registos Paroquiais 9 – Índices dos Registos de Casamentos do Concelho do Funchal Freguesia da Sé (1539 – 1911)*, Funchal, SRTC – DRAC – ARM.
- NUNES, Naidea Nunes e KREMER, Dieter, 1999, *Antroponímia primitiva da Madeira e Repertório onomástico histórico da Madeira (séculos XV e XVI)*, Coleção Patronymica Romanica, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, disponível em <http://hdl.handle.net/10400.13/1937>.
- NUNES, Naidea Nunes, 2019, «A Emigração de Água de Pena e a sua Antroponímia nos Livros de Passaportes do Governo Civil do Funchal de 1955 a 1970», in *Arquivo Histórico da Madeira*, Nova Série, n.º 1, pp. 263-289, disponível em <https://ahm-abm.madeira.gov.pt/index.php/ahm/issue/view/1>.

- PAOLINELLI, Luísa e BAZENGA, Aline, 2010-09-07, *Usos de Maria em Portugal: práticas de nomeação e construção de identidade* [conferência]. CILFR 2010, Valência, Espanha, disponível em <http://tinyurl.com/32e8hfjn>.
- PIEL, Joseph-Maria, 1989, *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- ROWLAND, Robert, 2008, «Práticas de nomeação em Portugal durante a Época Moderna: ensaio de aproximação», in *Etnográfica*, n.º 12/1, pp. 17-43.
- SILVA, Alberto Júlio, 2012, *Os nossos santos e beatos: e outros, que Portugal adotou*, Lisboa, A Esfera dos Livros.
- TEIXEIRA, José, 2007, «Metonímias e metáforas no processo de referência por alcunhas do Norte de Portugal», in *Diacrítica*, Série Ciências da Linguagem, n.º 21.1, pp. 207-239, disponível em <https://revistas.uminho.pt/index.php/diacritica/index>.
- VASCONCELOS, José Leite de, 1928, *Antroponímia Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- VASCONCELOS, José Leite de, 1931, *Opusculos*, vol. 3, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- VIEIRA, Alberto, 1999, «Os italianos na Madeira: séculos XV-XVI», in *Arquipélago-História*, 2.ª Série, III, pp. 11-28, disponível em <http://tinyurl.com/tu3nzavy>.
- VILLALVA, Alina, MARQUILHAS, Rita, CORREIA, Clara Nunes e ALBINO Cristina, 2002, *Dicionário Etimológico dos Nomes de Ocupação em Português*, disponível em <http://tinyurl.com/2f32wmkx>.

Webgrafia

- A Santa Sé, s.d., *Papi*, disponível em <https://www.vatican.va/content/vatican/pt/holy-father.html>.
- Arquivo Regional da Madeira – Registos de Casamentos, s.d., disponível em <https://abm.madeira.gov.pt/pesquisa/casamento/>.
- Atlas Digital da América Lusa, s.d., *Martiriológico Lusitano*, disponível em http://lhs.unb.br/atlas/Categoria:Martiriol%C3%B3gio_Lusitano.
- Behind the Name: The Etymology and History of First Names*, s.d., disponível em <https://www.behindthename.com/>.

Bíblia Sagrada, s.d., Difusora Bíblica, disponível em <http://www.paroquias.org/biblia/>.
Catholic Online, s.d., *Popular Saints*, disponível em <https://www.catholic.org/saints/popular.php>.

Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Pesquisa Avançada, s.d., disponível em <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/search>.